



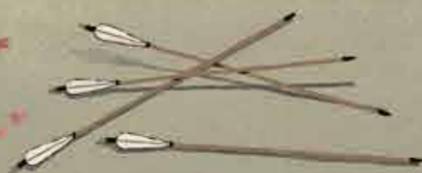
A Haru dá o sinal. Começa a dança de movimentos para alcançar a posição adequada. As pernas, os ombros, o olhar, as mãos, o arco. Relaxamento, concentração, observação. Todos respiram ao mesmo tempo, com a pausa necessária para manter a calma. Nada os distrai. Nem o voo das aves nem a leve agitação das árvores mais próximas.

Simultaneamente, como se fossem uma só, as quatro setas saem a voar até ao seu destino, como em breve farão os alunos ao saírem do dojo.

ISBN 978-84-15518-77-8



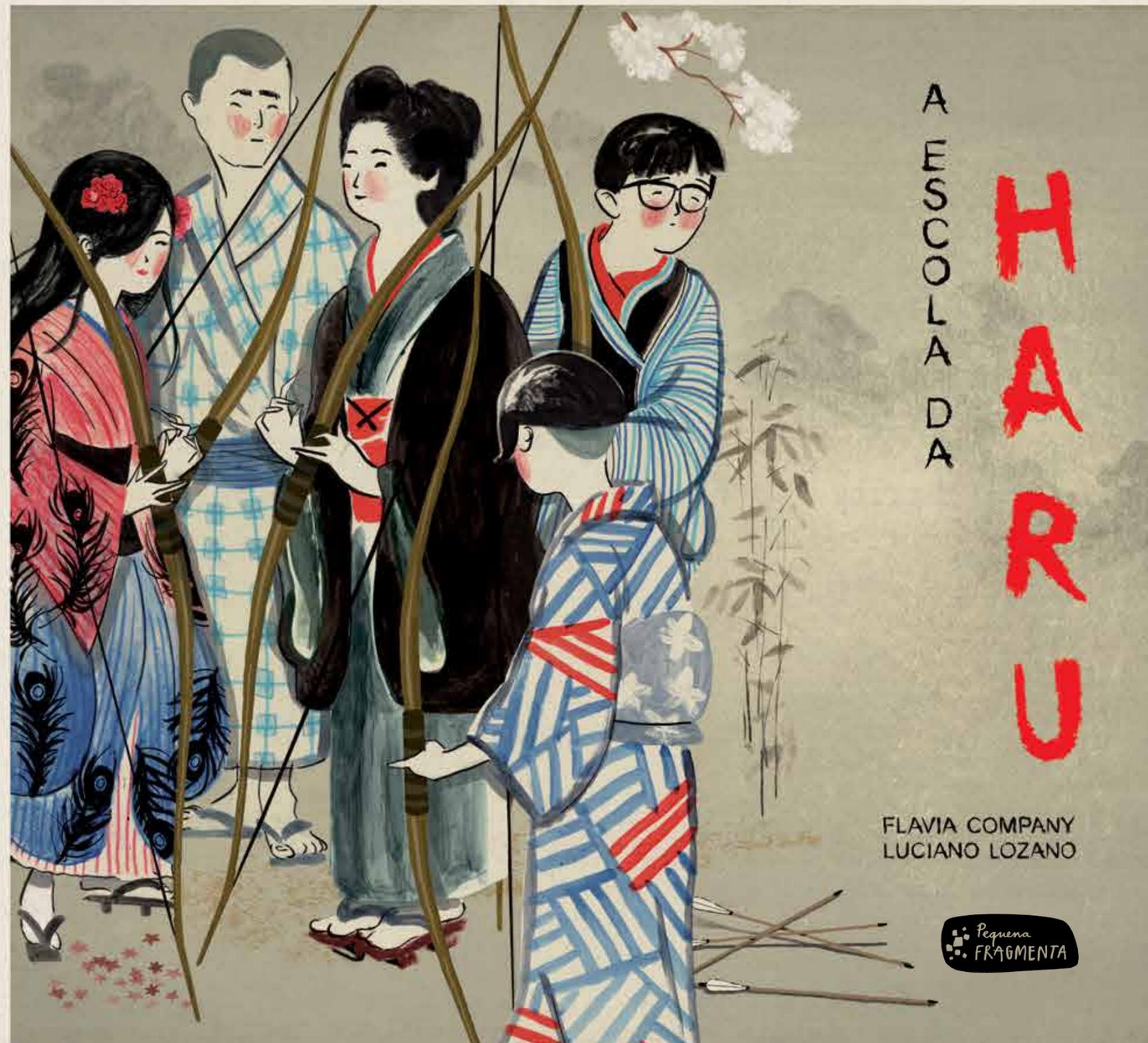
9 788415 518778



13

LUCIANO LOZANO  
FLAVIA COMPANY

A ESCOLA DA HARU



A ESCOLA DA

HARU

FLAVIA COMPANY  
LUCIANO LOZANO

Pequena  
FRAGMENTA

*Para a minha avó, a minha mãe e a minha irmã: as arqueiras ao lado das quais aprendi a viver.*

F. C.

*Para a Maria Teresa e a Consuelo; para as mulheres que nos ensinam.*

L. L.



## FLAVIA COMPANY

Chamo-me Flavia. O meu nome surpreende sempre as pessoas quando me perguntam como me chamo. Talvez seja por isso que, desde bem pequena, me atraem as palavras. Aos cinco anos comecei a tocar piano e aos sete já queria juntar letras às minhas melodias. Comecei a escrever poemas, depois contos e mais tarde romances.

Um segredo? Estou sempre à procura de ideias debaixo das pedras. E aí as encontro, à minha espera. Gosto muito de livros. Quando abro um, é como se entrasse numa gruta mágica ou chegasse a um planeta ainda por descobrir. Passo horas e horas a ler, muitas vezes a bordo do meu veleiro, o *Proteo*. Porque, na verdade, também gosto muito de navegar. Como se fosse um pirata. E, então, imagino que chego a ilhas desertas ou a terras desconhecidas. Que descubro animais que falam ou árvores que andam.

Penso que nós, os que nos dedicamos a escrever, somos muito, mas muito amigos dos que leem os nossos livros. E estou convencida de que vocês também se tornarão muito amigos da Haru e dos seus alunos. Não é verdade que poderiam ser um dos meninos ou meninas que vivem no dojo? Pensem nisso!



## LUCIANO LOZANO

Nasci no mesmo ano em que o homem pisou a lua pela primeira vez. Talvez seja por isso que, desde pequeno, viajo muito. Há dez anos que trabalho como ilustrador. Antes, estudei turismo, e todos os meus empregos tinham estado relacionados com viagens, desde agências de viagens a comboios e aeroportos. Estive no Japão duas vezes. A primeira foi uma aventura de cinco dias em Tóquio sem reserva de hotel e sem saber muito bem o que fazer. Regressava do meu primeiro ano de ilustração em Londres e passei os cinco dias a desenhar. Surpreendeu-me imenso a estética japonesa, e tenho a sensação de que essa viagem e essa estética se fundem, de alguma maneira, no meu trabalho de ilustração. Vivo entre Barcelona e Benalmádena, na Andaluzia.

Gosto das palavras mas também dos silêncios; das letras e dos espaços em branco; dos amigos e da solidão; de misturar todas as opções para depois me deixar levar pela música do acaso, porque há um momento para cada coisa. A minha maior certeza é tentar não dar nada como certo.

O trabalho para este livro foi laborioso mas também muito fluido. Como todas as coisas na vida, este projeto chegou na altura certa.



A  
E  
S  
C  
O  
L  
A  
D  
A  
  
H  
A  
R  
U

Texto de **FLAVIA COMPANY**  
Ilustrações de **LUCIANO LOZANO**

Generalitat de Catalunya  
Departament de Cultura

Com o apoio do Departamento de Cultura

Publicado por Fragmenta Editorial | Plaça del Nord, 4, pral. 1.ª | 08024 Barcelona | Espanha | [www.fragmenta.pt](http://www.fragmenta.pt) | [fragmenta@fragmenta.pt](mailto:fragmenta@fragmenta.pt)  
Coleção: Pequena Fragmenta, 13 | Diretora da coleção: Inês Castel-Branco | Primeira edição: outubro de 2017 | Impressão e encadernação: Agpograf, S. A.  
© 2017 Flavia Company Navau, pelo texto e o «Guia de leitura» | © 2017 Luciano Lozano Raya, pelas ilustrações e a capa | © 2017 Inês Castel-Branco, pela tradução  
© 2017 Fragmenta Editorial, S. L., por esta edição | Depósito legal: B 15.022-2017 | ISBN: 978-84-15518-77-8 | Printed in Spain | Reservados todos os direitos

Pequena  
FRAGMENTA

A Haru, a professora, espera-os à porta da biblioteca. Está quieta e os ramos das cerejeiras do jardim desenhavam sombras que dançam sobre o seu quimono.

O Sasuke é o primeiro a chegar. Sem fazer barulho. Faz uma leve reverência e ajoelha-se diante de uma das mesas; deixa sobre ela, com muito cuidado, um barco de papel tão pequenino que mal se vê.

Depois, como um vendaval, entra a Yumiko. Também saúda a professora com uma inclinação de cabeça, ocupa o lugar ao lado do Sasuke e coloca, perto do barco, um passarinho.

Passados uns instantes irrompe, a toda a velocidade, o Takeshi. Quase ao mesmo tempo, mas com enorme lentidão, entra a Mizuki, que se ajoelha diante de uma das mesas vazias enquanto afasta a franja, que, como de costume, lhe cai sobre os olhos. Mostra com satisfação o seu trabalho: um complexo e elaborado dragão.



O Takeshi levanta a mão e, sem esperar pela autorização da professora, acusa a colega:

— É impossível a Mizuki ter feito este dragão tão difícil...

A Haru pede silêncio com o olhar. O Takeshi inclina a cabeça e atira para a mesa, com desdém, o seu barco, muito maior do que o do Sasuke.

A Haru diz:

— Quero felicitar o Sasuke pela sua pontualidade. E dizer-lhe que a timidez, que é o que o faz apresentar um barco tão pequenino, pode afastar-se como um mosquito, com um único e suave gesto da mão.

O Sasuke cora.

A professora dirige-se à Yumiko:

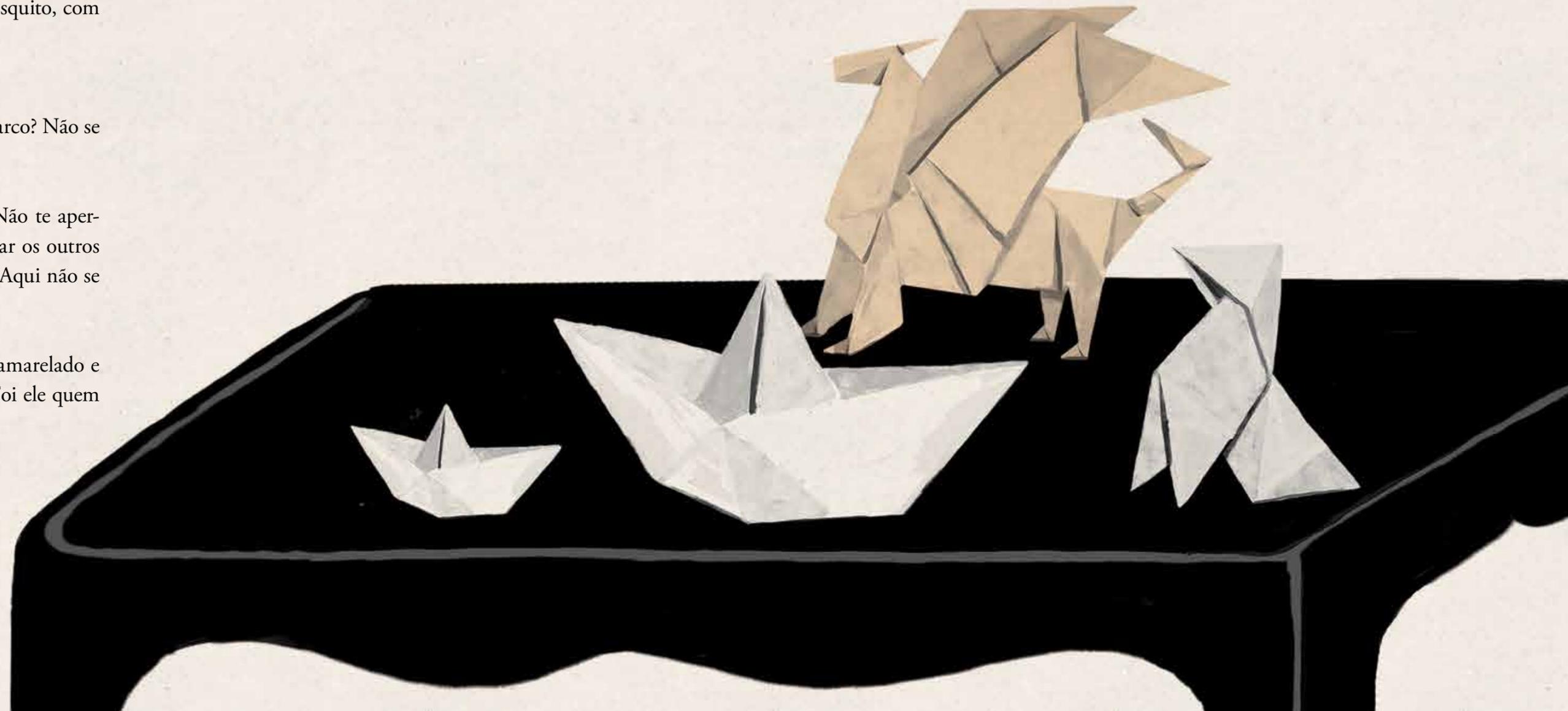
— Porque trouxeste um passarinho, se vos foi pedido que fizessem um barco? Não se deve procurar a diferença, Yumiko. Deve procurar-se o aperfeiçoamento.

Depois, aproxima-se da mesa onde a esperam a Mizuki e o Takeshi.

— Takeshi, digo-te precisamente o contrário do que disse ao Sasuke. Não te apercebes de que o tamanho do teu barco é excessivo? E lembra-te de que acusar os outros é como partir a corda de uma guitarra para que o instrumento soe melhor. Aqui não se trata de partir, mas sim de afinar.

A Haru dirige o olhar para a Mizuki:

— Querida, não vês que o papel com que foi feito o teu dragão já está amarelado e nota-se que é antigo? O teu avô é o grande mestre de origami Yoshizawa. Foi ele quem fez este dragão. Não voltes a permitir que o orgulho te leve a fazer batota.



Então, a professora distribui novas folhas de papel e indica aos alunos:

— Fiquem aqui até conseguirem que os vossos barcos sejam iguais uns aos outros.

A Yumiko protesta e diz que é impossível, o Takeshi opina que é absurdo, à Mizuki parece-lhe aborrecido e o Sasuke cala-se, mas pensa que nunca lhe sairá um barco como o dos outros.

— Não pensem em vocês. Imaginem o barco. Mais nada — diz a professora antes de se retirar. Sabe que durante o primeiro ano que as crianças passam na escola é importante a aprendizagem da paciência.

Umás horas mais tarde, quando regressa, todos dormem com a cabeça apoiada na mesa. E no limiar da entrada, iluminados apenas pela lua cheia, quatro barcos idênticos parecem estar prestes a lançar-se à água.



**2** No jardim, numa tarde enevoadá que ameaça chuva, o Takeshi arranca, com a ponta dos dedos, pequenos pedaços do tronco de uma cerejeira. Depois, tenta fazer pontaria aos peixes alaranjados que nadam no lago. Os pássaros observam-no dos ramos mais altos, que se agitam com a ventania. O rapaz atira com força os pedaços de madeira que, ao embaterem na água, produzem um som parecido com o estalido da língua. Os peixes amontoam-se, espantados, nos cantos do lago.

